

Conjunturas brasileira e baiana em 2004

*Alynsou Rocha**, *Carla do Nascimento**, *Fabiana Pacheco**, *Joseanie Mendonça**, *Roberta Lourenço**
*Elissandra Britto***

Resumo

O presente artigo tem como objetivo descrever o desempenho das economias brasileira e baiana durante o ano de 2004, com base nas estatísticas oficiais. Inicialmente, mostra-se o cenário da economia brasileira, onde está inserida a economia baiana, que reage de acordo com os fundamentos macroeconômicos atuantes. Num segundo momento são colocadas as previsões para o Produto Interno Bruto da Bahia para o ano de 2004. E, em seguida, são analisados, setorialmente, os principais fatores que influenciaram a atividade econômica do estado durante o ano, assim como são delineadas algumas expectativas para o próximo ano.

Palavras-chave: economia baiana, PIB, indústria, agricultura, varejo.

Abstract

The aim of the present article is to describe the performance of the Brazilian and Bahia economies in 2004 based on official statistics. First, the scenario of the Brazilian economy, where the Bahia economy is inserted, is shown as well as its reaction according to the macroeconomic grounds in force. Second, the anticipations for the GNP of Bahia for 2004 are shown. Then, the main factors that influenced the economic activity of the state during the year are analyzed by sector, and some expectancy for the next year is also outlined.

Key words: Bahia economy, GNP, industry, agriculture, retail.

CONJUNTURA BRASILEIRA

Os indicadores econômicos, divulgados ao longo de 2004, indicam um nível de atividade econômica crescente para esse ano, confirmando os sinais de recuperação e dinamismo da economia brasileira. Esse desempenho foi influenciado pela demanda interna, associada ao consumo das famílias, pelos indicadores mensais do nível de atividade e pela manutenção do dinamismo das exportações, o que reflete a melhoria do mercado de trabalho. Diante disso, a atenção está voltada para a expectativa de um crescimento sustentado, por períodos mais longos, o que dependerá da capacidade

de instalada nos diferentes setores da economia e dos investimentos realizados.

Segundo o Cálculo de Contas Nacionais Trimestrais, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Produto Interno Bruto (PIB), no acumulado do ano de 2004 até setembro, apresentou crescimento de 5,3% em relação à igual período de 2003, constituindo-se na mais alta taxa acumulada nesse período desde o ano de 1995 (6,4%). Na mesma base de comparação, os setores da Agropecuária e da Indústria cresceram 6,3% e 5,6%, respectivamente, e o setor de Serviços, 3,8%. Neste último, o setor de Comércio registrou incremento de 8,1%.

Com relação à produção do setor industrial brasileiro, no acumulado do ano de 2004, período de janeiro a setembro, em comparação com o mesmo

* Economistas e bolsistas FAPES. geac@sei.ba.gov.br

** Economista e subgerente da GEAC/SEI. elissandra@sei.ba.gov.br

período de 2003, observou-se incremento de 9,0% para a indústria geral e de 9,3% para a indústria de transformação, segundo dados da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE. Esse resultado acena para um crescimento sustentado no ano, apresentando um cenário mais equilibrado, tendo em vista que a recuperação do setor está atrelada ao bom desempenho das áreas voltadas para exportação e crédito, com incremento na produção de bens de capital (26,0%) e de bens de consumo duráveis (25%). Nessas categorias destacam-se a fabricação de veículos (30,2%), máquinas e equipamentos (19,0%), material eletrônico e de comunicações (28,3%) e máquinas para escritórios e equipamentos para informática (44,5%).

Já a produção de bens intermediários situa-se próxima da média, registrando taxa de 7,4%, ritmo próximo ao do total da indústria, como indicado na Pesquisa Industrial Mensal (PIM); o subsetor de insumos industriais elaborados registrou maior impacto na categoria, com acréscimo de 6,0%, destacando-se a produção de celulose.

Outros indicadores, antecedentes e coincidentes, mostram que a forte retomada da atividade fabril continua a todo vapor, registrando, no acumulado do ano até setembro, incremento de 14,5% na expedição de papelão ondulado, segundo dados da Associação Brasileira de Papelão Ondulado (ABPO). A produção de cimento também apresentou crescimento, registrando aumento de 1,3%. As importações de bens de capital também cresceram, com taxa de 18,1% para o acumulado do ano, até setembro.

No que se refere à utilização média da capacidade instalada da indústria, segundo a Fundação Getúlio Vargas (FGV), o ritmo continua acelerado, registrando aumento de 82,2% no terceiro trimestre de 2004. O segmento de bens intermediários continuou a apresentar o mais alto nível de utilização, de 86,9%. Já bens de capital registrou 81,9%, bens de consumo, 80,4%, e material de construção, 80,8%, para o período.

O aumento do uso da capacidade instalada foi acompanhado por um baixo nível de investimentos e por uma redução dos estoques em poder das empresas, por conta do aumento da demanda.

Vale ressaltar que, a confiança do empresariado na economia do país permanece firme, o que levará a um aumento gradativo dos investimentos, no futuro, fato que se deve às oportunidades de exportação, ao crescimento do agronegócio, pela consolidação da política econômica e pelo aumento da demanda interna. Em resumo, os índices mais recentes confirmam a trajetória positiva da atividade industrial, confirmada por uma seqüência de crescimento no decorrer do ano.

Em 2005, o crescimento da economia brasileira deve se apoiar em um novo ciclo de investimento fixo, ou seja, formação bruta de capital fixo. As empresas, em um primeiro momento, vão voltar a investir na compra de máquinas e na ampliação de sua capacidade, com instalação de novas plantas (INDÚSTRIA..., 2004).

No comércio, o crescimento do varejo, que a princípio foi puxado pelos setores voltados para os bens duráveis, diversificou sua abrangência no primeiro semestre, atingindo, inclusive, setores voltados para bens não duráveis. A explicação está em vários fatores, como a redução da taxa de juros e a ampliação do volume de recursos para o crédito direto ao consumidor, lançamento de produtos novos e/ou diversificados, além da demanda fortemente reprimida dos anos anteriores. Além disso, verificou-se uma melhora nos índices de emprego e renda, levando a uma melhora no desempenho dos setores de bens não duráveis.

Os indicadores de desempenho do comércio divulgados pelo IBGE comprovam o aumento das vendas do varejo. No acumulado do ano de 2004, até setembro, o comércio varejista do país registrou expansão de 9,3%. Todos os segmentos que compõem o Indicador de Volume de Vendas apresentaram resultado positivo, de acordo com a série divulgada pela Pesquisa Mensal de Comércio (PMC).

A confiança do empresariado na economia do país permanece firme, o que levará a um aumento gradativo dos investimentos, no futuro, fato que se deve às oportunidades de exportação, ao crescimento do agronegócio, pela consolidação da política econômica e pelo aumento da demanda interna

O segmento de móveis e eletrodomésticos alcançou um crescimento de 28,6%, comparando-se ao o mesmo período de 2003, sendo esta atividade a responsável pelo principal impacto positivo na formação da taxa global do setor varejista. Além do fato dos resultados do segmento terem sido influenciados pela fraca base comparativa do primeiro semestre de 2003, adicione-se a esse resultado a redução da taxa de juros, o aumento do volume de recursos destinados ao crédito ao consumidor e, ainda, a demanda reprimida de anos anteriores. Os resultados apresentados para o mês de setembro de 2004, de acordo com a Pesquisa Mensal de Comércio, realizada pelo IBGE, confirmam a trajetória de retomada do nível de atividade, apesar do ritmo reduzido.

Na análise do desempenho do comércio exterior, verifica-se uma continuidade de resultados positivos. A balança comercial brasileira, no acumulado do ano, período de janeiro a setembro de 2004, registrou um superávit de US\$ 25,1 bilhões: as exportações registraram um valor de US\$ 70,278 bilhões, um crescimento de 33,2%; e, as importações, chegaram a US\$ 45,163 bilhões, o que representa um incremento de 29,0%.

O bom desempenho das importações está atrelado ao crescimento da produção industrial, tendo em vista que cerca de 70% das compras externas do país são de bens de capital, matérias-primas e insumos para empresas, confirmando o processo de reaquecimento da economia. Outro fato importante para o crescimento das importações, segundo o Ministério do Desenvolvimento, da Indústria e do Comércio (MDIC), consiste no aumento dos preços de petróleo e derivados, incluindo, também, os fertilizantes, que chegaram a subir mais de 90%.

As exportações brasileiras têm mantido seu ritmo de crescimento, principalmente devido às vendas para os mercados não tradicionais (Colômbia, Irã, África do Sul, Polônia, Libéria), que cresceram 74,4%, no primeiro semestre de 2004, em relação ao mesmo período do ano anterior. Além disso, o bom desempenho das exportações deve-se aos preços favoráveis do petróleo, à retomada de crescimento da produção industrial, resultando no aumento das vendas de bens de capital e de consumo durável, além do câmbio favorável. Destaca-se,

ainda, a recuperação das vendas para o Mercosul (com destaque para Argentina), a crescente participação de novos e pequenos mercados internacionais, sendo que a participação desses novos mercados, na pauta de exportação brasileira, passou de 11,2% para 14,4%, no mesmo período, destacando-se os países da África e Ásia, como pode ser observado nos resultados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC).

Em 2004, a meta a ser alcançada para as exportações é de cerca de US\$ 94 bilhões e de US\$ 60 bilhões para as importações, as quais deverão crescer mais rapidamente do que as exportações, alcançando um superávit comercial de US\$ 28 bilhões.

No setor agropecuário, a previsão do PIB para 2004, segundo a Confederação da Agricultura e da Pecuária do Brasil (CNA), deve alcançar um crescimento de 4,2% em relação ao ano passado. A participação, em termos absolutos, ficou em R\$ 97,78 bilhões para as lavouras e de R\$ 67,14 bilhões para a pecuária. Na agricultura as estimativas apontavam crescimento de safra para 2004, estimada em 131 milhões de toneladas. Porém, devido às adversidades climáticas ocorridas na maioria das regiões brasileiras, as expectativas apontam quebra de safra, ficando em 119 milhões de toneladas. Esse montante é 3,22% inferior à produção obtida no ano anterior (123,632 milhões de toneladas). A soja será a grande responsável pela queda na safra neste ano, pois responde por 40% do total da safra nacional.

Entre as Grandes Regiões, em termos absolutos, a produção acha-se assim distribuída: Sul, 49,0 milhões de toneladas (41%); Centro-Oeste, 39,8 milhões de toneladas (33%); Sudeste, 17,5 milhões de toneladas (15%); Nordeste, 9,6 milhões de toneladas (8%); e Norte, 3,4 milhões de toneladas (3%). Os produtos que obtêm os melhores desempenhos, na safra de 2004, são soja, milho e algodão, no comparativo com a safra de 2003, segundo estimativas do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) do IBGE.

Para a pecuária, de acordo com os dados divulgados pelo CNA (2004), em 2004, o PIB do setor registrou variação positiva de 0,39% em junho, fazendo com que a taxa acumulada no ano, até junho, de seu PIB básico, atinja 2,92%. No agronegó-

cio da pecuária, o desempenho também foi positivo para o mesmo período, com crescimento de 1,83%. Esses números confirmam a posição do país como grande produtor e exportador.

Pode-se acrescentar, na análise conjuntural, a decisão do Banco Central, em novembro, de elevar a taxa de juros básica em 0,5 ponto percentual (p.p.), passando de 16,75% para 17,25% ao ano, o que pode promover um aperto monetário indesejável sobre os investimentos, levando

os empresários a adiar novos projetos. Com isso, a alta dos juros, além de afetar o ritmo de expansão da demanda, pode vir a prejudicar a ampliação da capacidade de oferta. Segundo especialistas, as pressões inflacionárias

derivam, principalmente, de choques de custos decorrentes da alta do petróleo e de outras commodities e, não, do excesso da demanda; além disso, afirmam que a elevação dos juros não trariam impactos muito sérios sobre as decisões de consumo e investimento, mas sim sobre o ânimo do empresário. Gera ainda uma expectativa negativa na população, acarretando uma retração na demanda, o que afeta as expectativas de consumo das famílias, podendo prejudicar a recuperação que o varejo iniciou neste ano. Ademais, a decisão de investir, do empresário, se dá de forma direta sobre os investimentos, trazendo conseqüências para o nível de produção industrial e para o nível de emprego (DECISÃO..., 2004).

As estimativas indicam que, para o ano de 2004, o PIB nacional alcançará uma taxa próxima de 5,0%. Em relação ao desempenho dos três grandes setores da economia, as estimativas apontam uma pequena redução, em 2004, para a agropecuária, em relação a 2003, registrando um incremento de 4,9%, ante 5,0%, alcançado no ano passado. Na indústria, o crescimento será de 4,6% em 2004, resultado bem diferente do apresentado em 2003 (-1,0%). No setor de serviços, o aumento, em 2004, deverá ser de 2,3%, consideravelmente superior ao crescimento apresentado em 2003 (-0,1%) (BNDES, 2004).

Os indicadores econômicos divulgados revelam um cenário contraditório sobre o ritmo de expansão da economia nos últimos meses de 2004. Enquan-

to que alguns dados sugerem uma leve desaceleração, como as vendas no varejo ou a expedição de papel ondulado, outros dados, como a produção industrial, apontam para um avanço ainda robusto do nível de atividade. A expectativa é de que a economia deve se expandir em um ritmo mais fraco até o final de 2004, em função do crescimento da renda mais lento do que o esperado. A estimativa é de um Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), em

torno de 7,18%, próximo da meta, que ficou estabelecida em 8%. No desempenho do comércio externo, o cenário é de expansão para o país, o que se traduz na maior participação do Brasil no comércio global (INDICADORES..., 2004).

Para 2005, as expectativas são de crescimento do PIB em torno de 3,5%, segundo o Banco Central. No que tange aos três grandes setores da economia, as projeções são de crescimento para a agropecuária, a uma taxa de 5,1%, para a indústria, com incremento de 4,0%, e para serviços, com acréscimo de 2,7%. Essa pequena redução no desempenho da atividade industrial, em relação ao crescimento alcançado em 2004, deve-se às oscilações nos juros, que geram incertezas em relação à demanda e inibem o investimento industrial (CRESCER..., 2004). Para a agropecuária, esse possível aumento na taxa, em relação ao ano de 2004, está relacionado a um acréscimo de 8,1%, aproximadamente, na produção total de grãos, segundo estimativas da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB).

Para o setor de serviços, as expectativas de desempenho positivo, em 2005, estão relacionadas ao crescimento dos serviços estratégicos, principalmente os empresariais e profissionais, aos serviços de saúde, educação e serviços de informação (BNDES, 2004).

Em 2005, a atividade econômica deve desacelerar, por conta de alguns acontecimentos, como a alta do petróleo, a super safra de soja nos EUA, que leva a uma elevação no preço da soja, além da desaceleração da economia chinesa, ocasionando uma redução das suas importações. As estimativas, quanto ao volume a ser exportado, deve chegar a US\$ 100 bilhões no ano que vem.

A alta dos juros, além de afetar o ritmo de expansão da demanda, pode vir a prejudicar a ampliação da capacidade de oferta

Para que o comércio exterior continue com saldos positivos em 2005, o governo continuará realizando viagens a diversos países, em busca dos pequenos mercados. Nesse sentido, constata-se que as exportações continuarão numa tendência de crescimento, apesar do aumento das compras externas e da retomada das vendas no mercado doméstico. Esse desempenho positivo do comércio exterior apresenta um impacto direto para o crescimento econômico do país, proporcionando efeitos multiplicadores na economia, como ampliação dos postos de trabalho e de futuros investimentos (MERCADO..., 2004). As perspectivas quanto à inflação também foram revisadas para baixo, sendo previsto, em média, um IPCA (Índice de Preços ao Consumidor) de 5,89% em 2005 (PERSPECTIVAS ..., 2004).

CONJUNTURA BAIANA

Com base em estimativas elaboradas pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI, o PIB da Bahia, em 2004, deverá apresentar crescimento real significativo de 8,5% no ano, na comparação com o resultado do ano anterior, situando-se acima da expectativa de crescimento do Brasil (5,0%).

O desempenho do setor industrial ainda é o principal fator de influência para o resultado do PIB, dada a sua importância na geração de valor adicionado. A estimativa para a indústria baiana de transformação indica um acréscimo significativo de 15,0% no nível dessa atividade. Tal expectativa é sustentada pelo bom desempenho de alguns segmentos da indústria de transformação, como a indústria de refino de petróleo, a de produtos químicos, o complexo automotivo e a metalurgia, que têm significativa participação na pauta de exportações baianas.

A agropecuária baiana promete apresentar resultado satisfatório no ano de 2004, apontando para uma expansão de aproximadamente 10,0%, o que contribuirá para o crescimento positivo do PIB do estado, fortemente influenciado pelo resultado da safra de grãos. O incremento anunciado pelos indi-

cadores da agricultura – principais lavouras – é de 18,9% e, da pecuária, de 3,0%.

As expectativas em relação ao desempenho do comércio do estado, em 2004, são de que a atividade, na Bahia, em vendas reais, deverá apresentar resultados superiores em relação ao que foi observado em 2003, com taxa de 8,0%. As razões para isso se apóiam nos mesmos fatores favoráveis ao país, destacados na seção anterior.

O desempenho do setor industrial ainda é o principal fator de influência para o resultado do PIB, dada a sua importância na geração de valor adicionado

Os demais serviços prometem bons resultados no fim de 2004, principalmente em decorrência do reflexo direto do segmento turístico, que desempenha papel preponderante na economia baiana. Salienta-se que a Bahia deverá ser favorecida pelo aumento do turismo interno, como forma de substituir as viagens internacionais, em função da taxa de câmbio desfavorável em relação ao dólar e ao euro. Deve-se mencionar que o setor de serviços deverá alcançar uma expansão de aproximadamente 4,5%.

A seguir encontra-se uma análise setorial da atividade econômica baiana, destacando-se a produção industrial, o comércio exterior, o comércio varejista e a agropecuária.

Produção industrial

Ao contrário do país, que teve sua indústria de bens de consumo favorecida pela política monetária, implementada a partir do segundo semestre de 2003, que visava, sobretudo, a redução nas taxas de juros com ampliação do crédito, o nível de atividade da economia baiana percorreu um caminho mais lento, uma vez que sua indústria está pautada em bens intermediários, que não respondem imediatamente ao dinamismo da demanda dos consumidores finais, mas é impulsionada pela capacidade de exportar.

De acordo com a Pesquisa Industrial Mensal do IBGE, do mês de setembro, a produção física, referente aos nove meses de 2004, acusou um crescimento de 8,2%, resultado sustentado por contribuições positivas dos nove setores pesquisados: refino de petróleo e álcool (13,1%), produtos químicos

(5,8%), metalurgia básica (12,6%), veículos automotores (49,1%), alimentos e bebidas (3,5%), borracha e plástico (11,6%) minerais não metálicos (12,0%), celulose, papel e produtos de papel (4,0%) e indústria extrativa (2,6%), como mostra a Tabela 1.

Tabela 1
Indústria e principais gêneros
Bahia, Setembro/2004

Classes e Gêneros	Mensal ¹	Acum. do ano ²	Acum. 12 meses ³
Indústria Geral	7,1	8,2	4,6
Extrativa Mineral	4,3	2,6	3,2
Indústria de Transformação	7,3	8,6	4,7
Alimentos e Bebidas	12,4	3,5	0,2
Celulose, papel e produtos de papel	21,7	4,0	4,0
Refino de petróleo e álcool	4,7	13,1	0,7
Produtos químicos	-4,9	5,8	4,0
Borracha e plástico	19,4	11,6	4,0
Minerais não metálicos	13,9	12,0	2,4
Metalurgia básica	3,0	12,6	13,6
Veículos automotores	32,9	49,1	46,1

Fonte: BGE/DPE/Departamento de Indústria
Elaboração: SEI/GEAC

¹ Em relação ao mesmo mês do ano anterior.

² Em relação ao mesmo período do ano anterior.

³ Em relação aos doze meses anteriores.

Vale salientar que, na indústria de refino de petróleo, houve acréscimos nas produções de óleo diesel, outros óleos combustíveis e naftas para petroquímica; e, em produtos químicos, o etileno não saturado e o polietileno de alta densidade obtiveram os melhores resultados. Por sua vez, a indústria de metalurgia básica teve aumento na produção de barra, perfil e vergalhões de cobre e ouro em barras.

Com relação ao refino de petróleo e produção de álcool, segundo dados da Agência Nacional do Petróleo (ANP), ocorreu um aumento na produção de derivados de petróleo da Refinaria Landulpho Alves, que passou de 9,08 milhões m³, no período compreendido entre janeiro e setembro de 2003, para 10,03 milhões m³ em 2004, representando um aumento de 10,4% no período. A produção de óleo diesel aumentou 28,4%, atingindo um total de 3,31 milhões m³, e a de óleo combustível, 2,42 milhões m³, com um aumento de 14,5%. Já a produção de nafta para petroquímica aumentou 4,9% no mesmo período.

O setor de produtos químicos foi beneficiado pelo aumento de capacidade instalada para produ-

ção de eteno, que atingiu 90% no segundo trimestre de 2004, refletindo o aumento da demanda dos produtores de resinas termoplásticas e de outros produtores petroquímicos do Pólo Petroquímico de Camaçari (BRASKEM, 2004).

No que se refere à indústria de metalurgia básica – setor importante por produzir insumos de ampla utilização na economia e ser um dos segmentos de grande presença na pauta de exportações –, esta obteve desempenho positivo no período, com aumento da produção superior a 12%, viabilizado pela alta do preço das *commodities*. Isso apesar de, no primeiro semestre, ter ocorrido uma parada programada para manutenção, que consumiu mais de trinta dias, afetando o desempenho e gerando a necessidade, para o atendimento dos clientes, de importação de cátodos, para fabricação de vergalhões, e de ácido sulfúrico (CARÁIBA METAIS, 2004). Tal performance está fortemente influenciada pelos bons resultados da construção civil, grande demandante da indústria metalúrgica, somada às boas perspectivas do comércio exterior.

Na indústria de celulose e papel, segundo o press release de divulgação dos resultados da Suzano Bahia Sul (2004), houve crescimento no mercado doméstico de papel, impulsionado pela recuperação da economia doméstica, evidenciado pelo crescimento da produção, no período de janeiro a setembro de 2004, que foi de 966,7 mil toneladas em produtos para comercialização, representando um aumento de 16,3%, quando comparada às 831,4 mil toneladas produzidas no mesmo período de 2003. A indústria de celulose e papel apresentou paradas programadas para manutenção, no segundo trimestre, o que contribuiu para os baixos volumes de produção no período.

No que se refere ao emprego industrial, segundo a Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salários do IBGE, o nível de pessoal ocupado assalariado recuou 0,2% no estado, no período compreendido entre janeiro e setembro de 2004, em confronto com igual período de 2003, e contra um aumento de 1,1% para o país. Os ramos que apresentaram aumento no emprego industrial baiano foram: calçados e couro, têxtil, produtos de metal, meios de transporte e máquinas e equipamento.

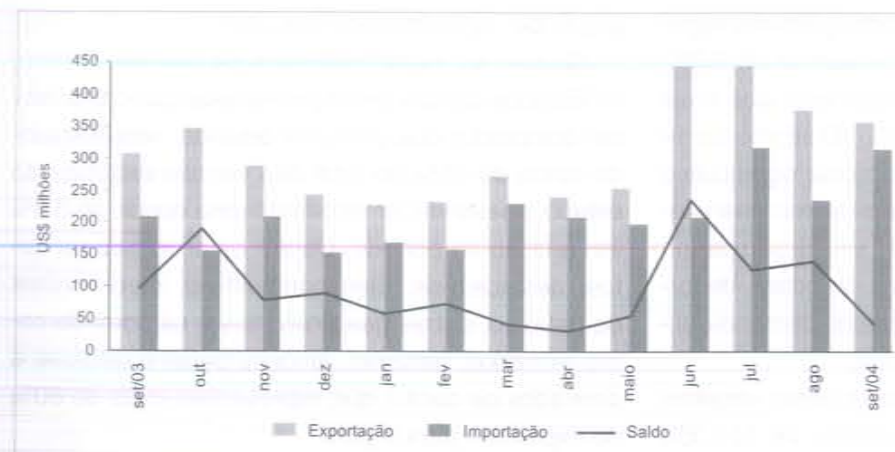
Considerando-se a indústria baiana como o melhor indicador da atividade econômica do estado –

seja porque tem grande peso no PIB ou porque a maioria dos segmentos industriais, por ter ciclos curtos de produção, reage rapidamente às variações no estoque e, conseqüentemente, às oscilações da demanda –, pode-se concluir que as expectativas de curto prazo para a economia são positivas. Ademais, os resultados do setor externo, a dinâmica interna, determinada pelas condições de crédito e pela recuperação da massa de rendimentos, tende a contribuir para o crescimento da indústria nos próximos meses. Ressalta-se, também, as expectativas de ampliação da capacidade instalada de muitas indústrias que já se encontram ociosas, o que pode provocar uma nova dinâmica do setor em 2005.

Comércio exterior

A balança comercial baiana registrou um superávit de US\$ 788,2 milhões, de janeiro a setembro de 2004, resultado de exportações no valor de US\$ 2,8 bilhões e de importações no valor de US\$ 2,0 bilhões. As exportações e as importações apresentaram um crescimento acelerado de, respectivamente, 20,0% e 46,7%. Segundo a Promo (2004), o aumento das importações demonstra que o estado está aumentando seus investimentos na produção, como, também, o aumento do consumo interno tem estimulado as compras no exterior (Gráfico 1).

Gráfico 1
Balança comercial
Bahia, Set-2003/Set-2004



Fonte: SECEX.
Elaboração: GEAC - SEI

Atualmente, a Bahia participa com cerca de 4,1% do total das exportações do país e com, aproximadamente, 50% das exportações nordestinas.

Analisando-se as importações por categorias de uso, conforme indicado na Tabela 2, verifica-se que os bens de capital registraram aumento significativo no período, de 57,2%, e os bens intermediários cresceram 29,6%. Esse desempenho das compras externas teve, como efeitos diretos, a expansão da produção industrial baiana de transformação que, segundo o IBGE, cresceu 8,2%, entre janeiro e setembro de 2004. Esses produtos industrializados representam cerca de 80% do total exportado pelo estado.

Tabela 2
Importações por categoria de uso
Bahia, Jan/Set – 2003/2004*

Discriminação	2003	2004	(%)
Bens intermediários	940.795	1.219.043	29,6
Bens de capital	229.825	361.939	57,5
Combustíveis e lubrificantes	74.679	258.047	245,5
Bens de consumo duráveis	149.892	207.480	38,4
Bens de consumo não duráveis	11.156	16.158	44,8
Total	1.406.347	2.062.667	46,7

Fonte: MDIC/SECEX

* Nota: US\$ 1.000

Segundo a Promo (2004), as compras de bens de capital estão relacionadas ao aumento das aquisições de veículos de carga, máquinas e aparelhos para a indústria de celulose, motores, microprocessadores, caldeiras e outras máquinas. Isso significa

que o setor industrial está aumentando sua demanda de insumos e de bens de capital para elevar sua produção, conseqüentemente, ampliando a capacidade potencial da economia.

De acordo com a Tabela 3, destaca-se o crescimento continuado do segmento automotivo (61,2%), derivado das exportações de automóveis para a Argentina, o México e o Chile. Esse desempenho deve-se à implantação do ter-

ceiro turno de trabalho no complexo automotivo em Camaçari (BA), que garantiu recorde de produção da companhia no mês de agosto, com a contratação de 1,7 mil novos empregados. A montadora produziu 20 mil unidades em setembro, a maior desde que a operação foi iniciada, em outubro de 2001. O novo recorde também foi resultado do início da produção de novo modelo. A expectativa da montadora é superar a produção de 2003, que ficou em 138 mil unidades, ao passo que, de janeiro a setembro de 2004, o complexo produziu 135,97 mil unidades, um crescimento de 36% em relação ao mesmo período de 2003.

Tabela 3
Exportações por principais segmentos Bahia, Jan/Set – 2003/2004

Segmentos	US\$ 1.000 FOB		Var (%)	Part (%)
	2003	2004		
Químicos e petroquímicos	602.549	662.131	9,9	23,2
Automotivo	265.805	428.439	61,2	15,0
Derivados de petróleo	513.023	359.547	-29,9	12,6
Metalúrgicos	147.901	280.797	89,8	9,8
Grãos, óleos e ceras vegetais	122.886	274.460	123,3	9,6
Papel e celulose	190.462	222.863	17,0	7,8
Cacau e derivados	162.541	141.834	-12,7	4,9
Minerais	80.776	76.268	-5,6	2,7
Couros e peles	41.042	51.584	25,7	1,8
Sisal e derivados	37.845	45.875	21,2	1,6
Café e especiarias	23.711	41.098	73,3	1,4
Calçados e suas partes	18.948	38.074	100,9	1,3
Frutas e suas preparações	34.309	33.164	-3,3	1,2
Pesca e aquicultura	20.886	20.767	-0,6	0,7
Fumo e derivados	11.226	11.177	-0,4	0,4
Demais segmentos	102.362	162.825	59,1	5,7
Total	2.376.272	2.850.903	19,9	100,0

Fonte: MDIC/SECES, dados coletados em 14/10/2004
Elaboração: Promo – Centro Internacional de Negócios da Bahia

O segmento de químicos e petroquímicos registrou um crescimento nas vendas externas de 9,9%, ainda permanecendo como o segmento que mais exporta no total do estado (23,2%). O segmento de metalúrgicos registrou um crescimento significativo de 89,8%, em decorrência do acréscimo nas vendas de fios de cobre (148,9%); seu desempenho deveu-se à elevação dos preços do cobre, decorrente, principalmente, do aumento da demanda externa, com destaque para a China.

O segmento de grãos, óleos e ceras vegetais também apresentou um crescimento de 123,3%, influenciado pelo aumento nas vendas de óleo e farelo. Esse desempenho reflete a situação atual

do mercado internacional, de previsões otimistas, com safra recorde nos Estados Unidos e aumento da oferta (inclusive no Brasil e na Argentina).

Outro destaque foi o segmento de papel e celulose, que registrou aumento de 17,0%, em decorrência do acréscimo nas vendas de pasta química de madeira. Esse desempenho é creditado a grandes volumes de investimentos na produção, e preços internacionais favoráveis. Como destaca a Promo (2004), a expectativa para 2005 é que ocorra um salto ainda maior nas exportações, com o início de operações da fábrica da Veracel, cuja capacidade de produção será de 900 mil toneladas.

Apesar do grande volume e do valor exportado do estado serem propiciados pelas grandes corporações industriais, tem crescido, significativamente, a participação de novos produtos industrializados na pauta de exportação, oriundos dos pequenos e médios empreendimentos. Como resultado da diversificação industrial do estado, já se contabiliza as exportações de calçados que, até então, têm uma pequena participação na pauta (1,3%). As vendas desses produtos registraram crescimento acima de 100%. Esse desempenho também é creditado às ações de promoção internacional que o setor vem desenvolvendo, com resultados expressivos na Europa, confirmando a qualidade e competitividade do produto.

Os investimentos do agronegócio também têm influenciado no crescimento das exportações, com o aumento do volume, do valor e da diversificação da pauta de exportações; observa-se que, no período de janeiro a setembro, já apresenta uma participação de, aproximadamente, 30%.

Quanto às exportações por países de destino, os Estados Unidos ainda permanece como o principal comprador dos produtos baianos, representando cerca de 26% do total das vendas externas do estado, apesar de ter registrado uma queda de 3,8% em relação ao período. Dentre os principais produtos, destacam-se: óleo combustível, óleos brutos de petróleo, outras gasolinas, fios e catodos de cobre refinados, benzeno, amônia, papel e celulose e derivados de cacau, que representam mais de 80% do exportado para o país.

A Holanda, França, Reino Unido, Alemanha, Itália e Bélgica respondem por cerca de 70% do total

das exportações baianas para a União Européia. Esses países absorveram, substancialmente, derivados de soja e químicos e petroquímicos. Já as vendas para a Argentina apresentaram crescimento de 47%, o que influenciou sobremaneira as exportações para o Mercosul (47,2%), sendo grande absorvedor de produtos químicos e petroquímicos, automóveis e derivados de cacau. Os países asiáticos alcançaram um crescimento substancial, registrando uma taxa de 53%, destacando-se o Japão, Hong Kong, Coreia do Sul, Indonésia, Coreia do Norte, Índia, Cingapura e Taiwan (Formosa).

Quanto às importações, por países, destacam-se: Chile (14,4%), Argélia (12,2%), Nigéria (14,6%), China (3,5%) e Alemanha (3,0%) que, juntos, representam cerca de 64,6% das compras realizadas pelo estado. Analisando-se as importações dos blocos econômicos, confirma-se a aproximação comercial com a União Européia (17,4%) e com os países latino-americanos, incluindo Mercosul (32,4%).

A perspectiva para a Bahia, no que se refere ao comércio exterior, tem sido, de certo modo, acompanhar a tendência nacional de crescimento na economia, impulsionada pelo acréscimo nas importações. Quanto à expectativa para as exportações, destaca-se o crescimento nas vendas de automóveis, metalúrgicos, derivados de petróleo, calçados e frutas, dentre outros.

A necessidade de modernização do parque industrial baiano, estimulada pelos programas de incentivos fiscais do estado, implica novas aquisições de máquinas e equipamentos para ampliação de unidades produtivas e, até mesmo, a implantação de novas indústrias, fato este que explica, num primeiro momento, o forte crescimento das importações de produtos industrializados, com destaque para os bens de capital.

Comércio varejista

Os resultados apresentados pela Pesquisa Mensal de Comércio, realizada pelo IBGE, confirmam a trajetória de retomada do nível de atividade

para o ano de 2004. Contraditoriamente ao desempenho registrado para o comércio nos nove primeiros meses do ano de 2003, no período de janeiro a setembro de 2004, as taxas referentes ao Indicador do Volume de Vendas foram extremamente satisfatórias para o setor.

O comportamento positivo nesse período é considerado como um dos melhores resultados apresentados pelo Comércio Varejista da Bahia desde 2001, período em que teve início a Pesquisa Mensal do Comércio, acumulando variação positiva de 7,1% (Tabela 4). Esse comportamento é reflexo, ainda, de uma conjuntura mais favorável para a economia do país, confirmada pelo crescimento de indicadores do emprego e da reposição gradual da renda dos trabalhadores, além do

aquecimento da indústria baiana apresentado nos últimos meses.

Tabela 4
Pesquisa Mensal de Comércio – PMC
Variação no volume de vendas no varejo¹ Bahia, Set/2004 (%)

Classes e gêneros	Mensal ²	Acumulado no ano ³	Acumulado 12 meses ⁴
Comércio varejista	7,1	7,1	5,2
Combustíveis e lubrificantes	-5,0	-1,3	-0,1
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	13,1	6,7	3,7
Hipermercados e supermercados	13,0	8,4	4,9
Tecidos, vestuário e calçados	1,8	3,5	-0,1
Móveis e eletrodomésticos	24,6	42,0	37,0
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	nd	nd	nd
Livros, jornais, revistas e papelaria	nd	nd	nd
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	nd	nd	nd
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	nd	nd	nd
Veículos, motos e peças	22,4	24,8	24,7

Fonte: IBGE/ Diretoria de Pesquisas/ Departamento de Comércio e Serviços

Obs: "nd" significa dado não disponível

¹ Dados deflacionados pelo IPCA.

² Variação observada no mês, em relação ao mesmo mês do ano anterior.

³ Variação acumulada observada, até o mês do ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

⁴ Variação acumulada observada nos últimos 12 meses, em relação aos 12 meses anteriores.

Os indicadores de emprego e renda revelam que a redução do desemprego e as perspectivas de crescimento da economia, incentivando as negociações salariais das diversas categorias profissionais, foram determinantes para o aquecimento do comércio nesse período. Com o aquecimento da economia, os consumidores se tornaram mais otimistas para assumirem novas dívidas. A motivação decorrente da proximidade das festas de fim de ano, associada à antecipação do 13º salário, contribuiu para queda na inadimplência, beneficiando as vendas nos próximos meses.

Ainda que ocorram sucessivos aumentos nas taxas de juros, estes só serão percebidos pelo consumidor transcorrido um período de seis meses, o que não inibe a expectativa de desempenho positivo nas vendas do varejo em 2004.

O segmento de móveis e eletrodomésticos foi destaque, com um incremento expressivo em relação ao acumulado do ano passado. A melhoria das condições do crédito, com juros menores e prazos maiores é a explicação para mais um resultado satisfatório. A maior confiança dos consumidores na recuperação da economia do País, verificada já nos primeiros meses de 2004, aliada às campanhas promocionais envolvendo grandes redes varejistas, também justificam esse desempenho positivo. Tudo isso fez com que os consumidores ficassem mais otimistas no momento de assumirem o financiamento de um bem de consumo durável.

Ainda no segmento de bens duráveis, o ramo de automóveis e motos, partes e peças encerrou o acumulado do ano, até setembro, apresentando significativo acréscimo no volume de vendas (24,8%). No âmbito nacional, as vendas de automóveis alcançaram a taxa de 18,8% no ano.

Segundo Caires (2004),

o segmento de bens duráveis constitui-se no mais dinâmico da economia e as transações comerciais são, basicamente, atreladas ao crediário, comprovado pelo maior número de consultas ao Serviço Nacional de Proteção ao Crédito (SPC). A política macroeconômica do País foi determinante para obtenção do desempenho favorável, ou seja: maiores facilidades de acesso ao crédito, retomada do processo gradual de recuperação da renda e juros mais baixos, pois, se com-

parados com os praticados pelo comércio em anos anteriores, esses tiveram, em 2003, reduções significativas. Merece desjarcar que, nos últimos meses, a SERASA (Centralização dos Serviços Bancários S/A) vem registrando quedas no nível de inadimplência, que resultam da melhoria dos indicadores econômicos, contribuindo para o retorno às compras daqueles consumidores anteriormente considerados inadimplentes.

Embora em menor intensidade que no segmento de bens duráveis, a pesquisa revelou que os ramos que dependem diretamente da renda dos trabalhadores apresentam resultados consistentes, a saber: hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (6,7%), sendo que o subgrupo de hipermercados e supermercados apresentou crescimento mais expressivo (8,3%); e tecidos, vestuário e calçados (3,5%). No entanto, ressalta-se, o segmento de combustíveis e lubrificantes como o único a acumular taxa negativa no ano (-1,3%).

No que diz respeito ao desempenho do comércio varejista para os últimos meses do ano, tem-se que as vendas deverão crescer num ritmo mais lento, já que, nesse período, apesar da base de comparação permanecer negativa, com exceção ao último mês de 2003, as quedas nas vendas foram menos acentuadas que no primeiro semestre, pois, a partir dos últimos meses de 2003, a economia brasileira começou a sinalizar recuperação.

Ademais, é esperado que o consumo venha a se expandir com maior intensidade no último trimestre de 2004, período tradicionalmente mais propício à expansão do ritmo dos negócios.

Esses prognósticos poderão se concretizar já que, após anos consecutivos de convivência com elevadas taxas de desemprego, os sinais de retomada do crescimento econômico, em diversos setores de atividades, vêm sendo responsáveis pela criação de novos postos de trabalho e, como consequência, com a elevação da massa salarial em circulação na economia (CAIRES, 2004).

Como a economia continua apresentando sinais positivos, com melhoria nas exportações, dívida externa e dívida pública, além do crescimento do PIB, mesmo com a preocupação com a inflação e a elevação recente das taxas de juros, a expectativa

para o primeiro semestre de 2005, quanto ao desempenho do comércio varejista, é de manutenção das taxas positivas.

Agropecuária

Na agricultura baiana, diferentemente do observado em outras regiões agrícolas brasileiras, são poucas as ocorrências de atrasos nas colheitas devido às chuvas em 2004. O cenário torna-se propício à expansão das lavouras de soja, milho e algodão, destaques nos resultados de produção do estado. As pragas da ferrugem asiática (soja) e do bicudo (algodão) são controladas através de iniciativas estatais e privadas, demonstrando a importância dessas culturas. Outros produtos como o feijão e a cana-de-açúcar apresentam resultados diversos, com maior ou menor grau de influência das chuvas sobre os tratamentos culturais das lavouras.

A produção de soja no Oeste do estado, em 2004, apresenta estimativa de elevação da produção em 52%, em relação a 2003, aproximando-se dos 2,4 milhões de toneladas, segundo dados do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), do IBGE (Tabela 5). Embora se verifique redução da área plantada de 850 mil para 821 mil hectares, o aumento da produção deve-se ao aumento do rendimento da lavoura por hectare (de 1,8 ton./ha em 2003, para 2,9 ton./ha em 2004). As

chuvas verificadas nos cerrados baianos aparentemente pouco afetaram a lavoura. Registraram-se atrasos na colheita de soja nos primeiros meses do ano, quando as chuvas impediram a operacionalização das máquinas colheitadeiras.

No que se refere ao controle da ferrugem asiática, têm sido realizados programas de capacitação e treinamento de produtores, com o objetivo de conter essa praga nas plantações de soja. Nesse sentido, implantou-se o Programa de Monitoramento Estratégico de Manejo da Ferrugem da Soja, desenvolvido pelo Governo do Estado, com a participação da Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (ADAB), Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA), EMBRAPA Soja (pesquisas de sementes mais resistentes ao fungo), Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (AIBA) e a Fundação Bahia, além dos agricultores.

A lavoura de milho apresenta estimativas positivas. De acordo com o LSPA/IBGE, a produção deve ultrapassar as 1,6 milhão de toneladas, representando elevação de 34,1% em relação a 2003. Os resultados, no estado, devem-se aos processos de rotação de culturas entre milho e soja e, em parte, pela redução da área plantada desta última, refletindo os prejuízos causados pela propagação da ferrugem da soja no ano anterior.

Para a lavoura de feijão, as chuvas dos primeiros meses do ano não afetaram a produção; espe-

Tabela 5
Estimativas de produção física, áreas plantadas e colhidas e rendimento dos principais produtos agrícolas Bahia, 2003/2004

Produtos/safras	Produção física (t)			Área plantada (ha)			Área colhida (ha)			Rendimento (kg/ha)		
	2003 ¹	2004 ²	Var. (%)	2003 ¹	2004 ²	Var. (%)	2003 ¹	2004 ²	Var. (%)	2003 ¹	2004 ²	Var. (%)
Mandioca	3.908.276	4.201.587	7,5	335.414	337.544	0,6	330.614	335.786	1,6	11.821	12.513	5,8
Cana-de-açúcar	4.566.742	4.950.030	8,4	82.887	85.870	3,6	82.887	85.870	3,6	55.096	57.646	4,6
Cacau	110.392	109.602	-0,7	495.123	488.393	-1,4	486.285	488.393	0,4	227	224	-1,1
Café	110.450	143.493	29,9	142.600	148.574	4,2	142.290	148.474	4,3	776	966	24,5
Grãos	3.479.792	5.161.071	48,3	2.596.935	2.735.666	5,3	2.391.850	2.567.587	7,3	1.455	2.010	38,2
Algodão	276.337	689.302	149,4	86.303	202.644	134,8	85.744	202.644	136,3	3.223	3.402	5,5
Feijão	354.582	357.838	0,9	803.835	849.622	5,7	730.940	730.075	-0,1	485	490	1,0
Milho	1.219.318	1.634.926	34,1	797.806	800.935	0,4	675.925	752.565	11,3	1.804	2.172	20,4
Soja	1.555.500	2.364.480	52,0	850.000	821.000	-3,4	850.000	821.000	-3,4	1.830	2.880	57,4
Sorgo	74.055	114.525	54,7	58.991	61.465	4,2	49.241	61.303	24,5	1.504	1.868	24,2
Total	12.175.652	14.565.783	19,6	3.652.959	3.796.047	3,9	3.433.926	3.626.110	5,6	3.546	4.017	13,3

Fonte: IBGE - PAM/LSPA/GCEA

¹ Estimativas do GCEA/IBGE, safra 2003 (dados sujeitos a retificação).

² Estimativas do GCEA/IBGE, outubro/2004 (dados sujeitos a retificação).

³ Rendimento = produção física/área colhida.

rou-se por chuvas regulares a partir de julho, especialmente para o feijão 3ª safra, mas tais chuvas não ocorreram em volume necessário no período previsto, ocasionando a redução das expectativas de produção. O LSPA/IBGE aponta discreta elevação da produção baiana de feijão (0,9%), apesar da área plantada apresentar expansão de 5,7%.

As expectativas para a safra de cana-de-açúcar são de aumento da produção, com quase 5 milhões de toneladas para 2004, de acordo com o LSPA/IBGE. No campo institucional e de pesquisa, destaca-se a criação do Centro de Tecnologia Canavieira (CTC), parceria firmada entre a EMBRAPA e a Copersucar, para o desenvolvimento do setor sucroalcooleiro. Com três unidades de pesquisa em São Paulo e uma no município de Camamu, na Bahia, o CTC tem como objetivo desenvolver e expandir conhecimento técnico e tecnologia para melhorar a produção, produtividade e transformação da cana-de-açúcar (CEPEA, 2004; REFORÇO..., 2004).

A lavoura cafeeira apresenta previsão de crescimento de 30% da produção física, explicado por semelhante crescimento no rendimento da lavoura, por hectare, e pelos ajustes nos resultados da safra 2003. O estado possui reconhecimento no país como grande produtor de cafés especiais, destinados ao mercado internacional. Esse mercado tem conseguido gerar alguns bons resultados, apesar das dificuldades enfrentadas pelos produtores.

As estimativas de produção de mandioca, em 2004, são de 4,2 milhões de toneladas, com variação positiva de 7,5% em relação a 2003. O cultivo dessa euforbiácea está bastante relacionado aos preços da raiz e da farinha no período anterior. Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), em outubro de 2004, o preço da raiz alcança R\$ 160,00/t, acima do praticado no mês anterior (R\$ 138,00) porém bem abaixo dos preços observados em 2003, quando foi estimulada a plantação para 2004. Conseqüentemente, a maior oferta atingiu negativamente os preços. De forma análoga, tem-se a situação da farinha: em outubro de 2004, o preço do produto alcança R\$ 38,00, a saca de 50 kg. Esse preço era de R\$ 37,00, em se-

tembro de 2004, e de R\$ 80,00, em outubro de 2003 (CONAB, 2004).

O destaque da produção agrícola baiana é o algodão. Os números do LSPA/IBGE apontam um aumento de 150% na produção, comparando-se 2003/2004. Os agricultores baianos mais que duplicaram a área plantada, com elevação de 135% (superando os 200 mil hectares), alcançando 690 mil toneladas. Os cerrados do Oeste baiano apresen-

O estado possui reconhecimento no país como grande produtor de cafés especiais, destinados ao mercado internacional

tam bons resultados para a lavoura, mas destacam-se também o do Vale do Iuiú e da região de Guanambi, no Sudoeste. O Governo do Estado tem atuado através do Programa de Revitalização da Lavoura Algodoeira (insumos, assistência técnica e ações fiscais) e do Programa Bloqueio ao Bicudo, em parceria com instituições como a AIBA, Associação Baiana dos Produtores de Algodão (ABAPA), Fundo de Desenvolvimento Agroindustrial (FUNDEAGRO), Fundação Bahia e EBDA. Os objetivos desses programas são controlar os impactos da infestação do bicudo e reduzir a quantidade de aplicações de agroquímicos nas lavouras. As iniciativas públicas e privadas, na Bahia, reafirmam o interesse na consolidação da cotonicultura no estado e o enfrentamento dos problemas que impuseram a decadência à lavoura (bicudo, abertura da economia, escassez de créditos e financiamentos etc.) nos final dos anos 1980 e início dos anos 1990 (BAHIA, 2004).

Segundo estimativas da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), a agricultura baiana deverá crescer, em 2004, em torno de 17,1%, sendo que as principais lavouras devem apresentar taxa de crescimento próxima a 18,9%, resultado bem próximo ao observado no LSPA-IBGE, com taxa de 19,6%.

Com relação à pecuária, que deverá aumentar em cerca de 3,0% em 2004, representava, em 2003, 31,3% da agropecuária baiana, destacando-se, principalmente, a participação de bovinos (73,9%), leite (14,6%) e suínos (3,0%). As estimativas para a pecuária, segundo a SEI, indicam que o item bovinos deverá crescer em torno 2,4%, em 2004, enquanto que as outras espécies (suínos, caprinos, bubalinos, ovinos, asininos, eqüinos e muares) de-

vem apresentar incremento de 3,1%, ressaltando-se a taxa de 4,6% para suínos. Para a produção leiteira estima-se um aumento de 5,3%. Os resultados apresentados são melhores do que os do ano de 2003, quando se observou, na pecuária, taxa de -3,9%.

Segundo a Federação de Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (FAEB, 2004), o estado da Bahia, com cerca de 10 milhões de cabeças da pecuária bovina, está entre os seis maiores produtores de pecuária do país; porém, mesmo com o controle da aftosa, ainda não exporta cortes, apesar do estado já contar com unidades frigoríficas, atendendo às exigências do SIF – Serviço de Inspeção Federal, e que poderão ser adequadas, com obras complementares, às normas para exportação.

Em relação ao total de cabeças abatidas, segundo a Pesquisa Trimestral de Abate de Animais, realizada pelo IBGE, no período de janeiro a junho de 2004, o estado obteve um crescimento de 31,0% no abate de bovinos e uma queda significativa de, aproximadamente, 19,0% no abate de suínos na comparação com o mesmo período do ano passado. No total, a Bahia contabilizou um acréscimo no volume de cabeças abatidas de, aproximadamente, 25% em relação a 2003.

Ainda na análise da pecuária para 2004, tem-se o destaque da caprino-ovinocultura na Bahia. No aspecto institucional, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) instalou, no estado, a Câmara Setorial da Caprino-Ovinocultura do Brasil, com o objetivo de discutir os caminhos e perspectivas para a atividade, fortalecendo o setor que, em 2002, produzia aproximadamente 21 mil toneladas de carne e gerou 55 mil empregos. Em 2003, a Bahia possuía o maior rebanho de caprinos do país, com 3,6 milhões de cabeças, e o segundo maior rebanho de ovinos, com 2,7 milhões de cabeças.

As ações da Câmara somam-se ao programa Cabra Forte que já atua com iniciativas voltadas para a atividade no estado. No aspecto produtivo, tem-se a implantação de raças mais resistentes às

condições climáticas do semi-árido (onde se concentra a maior parte do rebanho) e patogenias, objetivando maior ganho em produção de carne, como, por exemplo, a Savannah, originária da África do Sul, que é parente da raça Bôer, criada inicialmente no município baiano de Maracás, em 2002. Espera-se que, a partir dessa iniciativa, as ações para o melhoramento genético do rebanho baiano sejam sistemáticas, agregando valor à carne de caprinos. Outras

Em 2003, a Bahia possuía o maior rebanho de caprinos do país, com 3,6 milhões de cabeças, e o segundo maior rebanho de ovinos, com 2,7 milhões de cabeças

estratégias compreendem a certificação de produtos regionais, com um selo do caprino do semi-árido, identificando as condições e práticas de criação da região. Através do marketing direcionado ao produto, a comercialização reverte-se em renda diretamente aos produtores, a maioria de pequeno porte, utilizando mão-de-obra familiar (DONATO, 2004 a; DONATO, 2004 b).

A análise das exportações de produtos agropecuários na Bahia revela que, para os principais produtos, tem-se expansão, em volume, de 40,30% e, em receita, de 38,25%, entre janeiro e setembro de 2004. Os destaques são as exportações do grupo dos grãos e óleos vegetais, refletindo o dinamismo das lavouras de soja, milho e algodão. O destaque negativo são as frutas e suas preparações (com quedas de 70,10%, em volume, e 61,33%, em receita). Note-se que, mesmo com a ocorrência de chuvas – que afetaram substancialmente as áreas frutíferas –, as exportações, em geral, aumentaram no período, em relação a 2003 (conforme Tabela 6). O aumento de receita do grupo grãos aproxima-se dos 130%, revelando a conjuntura favorável dos preços internacionais, suplantando os eventuais efeitos de quebras de safras por ocorrências das chuvas.

No grupo couros e peles, o aumento de receita foi de 41,3%. A atividade consolida-se no estado, com os pecuaristas atentando para os cuidados nos tratamentos com os animais, objetivando couros de melhor qualidade, sem defeitos e, portanto, mais valorizados no mercado internacional. Entretanto, ainda persiste o mercado clandestino de couros na Bahia, revelando, em muitos casos, abates clandestinos de animais e a comercialização de carnes sem a fiscalização sanitária e, portanto, com poten-

Tabela 6
Exportações dos principais produtos da agropecuária baiana: Jan - Set 2003/2004

Produtos	Peso (ton)		Var. %	Valores (US\$ 1.000 FOB)		Var. %
	Jan-Set 2003	Jan-Set 2004		Jan-Set 2003	Jan-Set 2004	
Grãos, óleos e ceras vegetais	609.797	951.601	56,05	116.690	267.905	129,59
Cacau e derivados	48.095	50.467	4,93	142.153	127.861	-10,05
Frutas e suas preparações	41.340	9.054	-78,10	28.534	11.034	-61,33
Couros e peles	4.803	7.610	58,46	29.577	41.785	41,28
Sisal e derivados	83.751	86.775	3,61	37.557	45.291	41,28
Fumo e derivados	2.297	2.970	29,31	9.567	9.890	3,38
Pesca e aquicultura	3.162	4.419	39,75	14.599	19.743	35,24
Totais dos produtos agropecuários	793.245	1.112.897	40,30	378.675	523.510	38,25
Totais das exportações Bahia	5.598.391	5.542.136	-2,43	2.376.271	2.850.903	19,97
Participação agropecuária nas exportações baianas (%)	14,17	20,37		15,94	18,36	

Fonte: ALICEWEB/MDC/SECEX (modificada), dados coletados em 10/11/2004

ciais riscos para a saúde dos consumidores (BORGES, 2004).

O grupo pesca e aquicultura, com 39,75% de aumento em quantidade exportada, revela o potencial do litoral do estado, especialmente na criação de camarões.

As exportações de cacau e derivados, embora apresentem elevação em quantidade, registra queda de receita exportada no período, o que se justifica pela conjuntura desfavorável de preços da *commoditie*.

Note-se que, apesar das adversidades climáticas e ataques de pragas (como a ferrugem da soja) ocorridas nos primeiros meses de 2004, o otimismo com as atividades ligadas à agropecuária mantém-se, devido aos resultados obtidos com o comércio externo, responsável, na Bahia, pela participação de 18,4% dos produtos agrícolas no total exportado pelo estado. As exportações de grãos garantem bons resultados enquanto permanecerem as conjunturas de preços. Alguns sinais de arrefecimento dos preços da soja e do algodão já são percebidos, devido ao aumento substancial da oferta desses produtos. O início dos tratamentos culturais das novas safras de verão reserva novas expectativas de resultados para as lavouras baianas.

No aspecto produtivo, o controle da ferrugem da soja na Bahia revela a articulação dos agentes envolvidos com a atividade (públicos e privados) e resulta em elevação da produção para a lavoura. As observações para o Oeste baiano consolidam o dinamismo da região na produção de grãos. Outros produtos também se destacam no estado: mandio-

ca, cana-de-açúcar e algodão, este último com crescimento expressivo, ratificando o estágio de desenvolvimento das lavouras empresariais baianas.

CONCLUSÃO

Os resultados referentes aos indicadores de atividade econômica, observados nas seções acima, confirmam a tendência de crescimento da economia brasileira e baiana. Entre os fatores que contribuem para esse desempenho destacam-se o aumento dos níveis de exportações e a recuperação da demanda interna, principalmente a partir do último trimestre de 2003. Nesse sentido, ressalta-se o crescimento das vendas no varejo e o desempenho de setores industriais tipicamente voltados para o mercado doméstico, como é o caso do segmento varejista de móveis e eletrodomésticos e dos setores industriais de refino de derivados de petróleo e automotivo no estado da Bahia, favorecidos pela expansão do crédito e, mais recentemente, pela recuperação dos rendimentos reais e do nível de emprego. A produção agrícola também vem apresentando estimativa favorável para mais uma produção recorde na safra 2004.

REFERÊNCIAS

- BAHIA. Secretaria de Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária. Disponível em: www.seagri.ba.gov.br. Acesso em: 27 ago. 2004.
- BORGES, Edson. Bahia perde na venda de couro. *A Tarde*. Caderno Rural, 09 ago. 2004.

BRASKEM. *EBITDA da Braskem atinge R\$ 1,1 bilhão no 1S04*. Disponível em: www.braskem.com.br. Acesso em: 16 jul. 2004.

CARAÍBA METAIS. *Informações trimestrais: 2º trim. de 2004*. Disponível em: www.caraibametais.com.br. Acesso em: 16 jul. 2004.

CAIRES, M. L. Desempenho do comércio varejista do estado da Bahia: 1º semestre de 2004. *Conjuntura e Planejamento*, n. 124, p.22-25, set. 2004.

CEPEA. Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada. Disponível em: www.cepea.esalq.usp.br. Acesso em: 25 ago. 2004.

CNA. Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária. Disponível em www.cna.org.br. Acesso em 25 set. 2004.

CONAB. Companhia Nacional de Abastecimento. Disponível em www.conab.gov.br. Acesso em 20 set. 2004.

CRESCE temor de gargalo no setor industrial. *Folha*. 27 out. 2004. p. B5.

DECISÃO acaba impondo teto para crescimento. *Folha*. 21 out. 2004. p. B4.

DONATO, Ari. Estratégias para vender carne de cabrito. *A Tarde*. Caderno Rural. 04 out. 2004(a).

DONATO, Ari. Savannah na Bahia. *A Tarde*. Caderno Rural, 03 maio 2004(b).

INDICADORES criam quadro confuso do ritmo econômico. *Valor*. 22, 23, 24 out. 2004. p. A10.

INDÚSTRIA planeja expandir a produção. *Valor*. 28 out. 2004. p. A4.

MERCADO revê inflação e PIB para 2005. *Gazeta*. 21 out. 2004. p. A4.

PERSPECTIVAS para a inflação ficam estáveis. *Valor*. 19 out. 2004. p. A2.

PROMO. *Estatísticas baianas*. Disponível em: www.promoba.com.br. Acesso em: 25 out. 2004.

REFORÇO nas pesquisas da cana. *A Tarde*. Caderno Rural. 12 jul. 2004.

SINOPSE ECONÔMICA, BNDES, n. 138, p. 2, ago. 2004. Disponível em: www.bndes.gov.br. Acesso em: 16 out. 2004.

SUZANO BAHIA SUL. *Press release de divulgação dos resultados do 2º trimestre*. Disponível em: www.bahiasul.com.br. Acesso em: 16 nov. 2004.